

JULIA QUINN

AQUELE BEIJO

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

HELENA RUÃO

ASA

PRÓLOGO

1815, dez anos antes de a nossa história começar verdadeiramente...

Gareth St. Clair regia-se por quatro princípios na relação com o pai, com os quais contava para manter o bom humor e a sanidade mental.

Primeiro: não conversar a menos que fosse absolutamente necessário.

Segundo: todas as conversas absolutamente necessárias deveriam ser o mais sucintas possível.

Terceiro: caso a troca de palavras exigisse mais do que uma simples saudação, era sempre preferível estar presente uma terceira pessoa.

E finalmente, quarto: com o objetivo de atingir os três primeiros princípios, Gareth devia comportar-se de maneira a angariar o maior número de convites possível para passar as férias escolares com os amigos.

Por outras palavras... nunca em casa.

Ou mais precisamente... longe do pai.

Tudo contabilizado, pensava Gareth quando se dava ao trabalho de pensar sobre o assunto, o que não acontecia muitas vezes, agora que aperfeiçoara as táticas de evasão ao ponto de as poder considerar uma ciência, tais princípios eram-lhe extremamente úteis.

Eram também úteis ao pai, uma vez que Richard St. Clair gostava tanto do filho mais novo quanto o filho mais velho gostava dele. Exatamente por isso Gareth ficara tão surpreendido ao receber na escola uma convocatória para regressar a casa.

Praticamente uma intimação, pensou Gareth com uma caranca.

A missiva do pai deixava pouco ou nenhum espaço para a ambiguidade. Gareth deveria apresentar-se em Clair Hall imediatamente.

Aquilo era extremamente irritante. A apenas dois meses de deixar Eton, a sua vida seguia a todo o vapor no colégio, uma mistura inebriante de brincadeira e estudo, e, claro, as ocasionais incursões clandestinas ao *pub* local, sempre tarde da noite e envolvendo vinho e mulheres.

A vida de Gareth era exatamente a que qualquer jovem de dezoito anos desejaria. Partira, portanto, do pressuposto que, desde que conseguisse manter-se fora da linha de visão do pai, a sua vida aos dezanove anos seria igualmente abençoada. A ideia era ir para Cambridge no outono, juntamente com todos os seus amigos mais próximos, onde pretendia prosseguir os estudos e a vida social com igual fervor.

No *foyer* de Clair Hall, olhou em volta e soltou um longo suspiro que pretendia impaciente, mas que saiu mais nervoso do que qualquer outra coisa. O que poderia o barão (como se tinha habituado a chamar ao pai) querer dele? Há muito que o pai anunciara ter lavado as próprias mãos relativamente ao filho mais novo, afirmando que apenas lhe financiaria a formação escolar, pois era o que lhe competia.

Afirmção que toda a gente sabia realmente significar: cairia muito mal aos amigos e vizinhos da família se Gareth não fosse enviado para uma escola adequada.

Quando os caminhos de Gareth e do pai *obrigatoriamente* se cruzavam, o barão insistia em discorrer sobre a tamanha decepção que era o rapaz.

O que só fazia Gareth querer azucrinar o pai ainda mais. Afinal, nada era melhor do que viver muito aquém das expectativas.

Gareth tamborilou o pé com impaciência, sentindo-se um estranho na própria casa, enquanto esperava que o mordomo avisasse o pai da sua chegada. Nos últimos nove anos, passara tão pouco tempo naquela casa que lhe era difícil ter grande apego ao lugar. Para ele, não passava de um amontoado de pedras que pertencia ao pai e que acabaria por ser herdada pelo irmão mais velho, George. Nada da casa nem da fortuna St. Clair iria parar às suas mãos, portanto ele sabia que o seu destino e caminho no mundo teriam de ser traçados sozinho. Supôs que depois de Cambridge seguiria a carreira militar; a única outra via vocacional aceitável era o clero, e Deus sabia o quanto era inadequado para *isso*.

Gareth tinha poucas memórias da mãe, que havia morrido num acidente quando ele tinha cinco anos, mas ainda se lembrava dela a despentear-lhe o cabelo e a rir-se sobre as galhofices dele.

– És o meu diabinho – costumava ela dizer, seguido do sussurro: – Nunca percas isso. Faça o que fizeres, nunca percas isso.

Ele assim fizera. Duvidava, portanto, que a Igreja Anglicana o recebesse de braços abertos.

– Menino Gareth.

Gareth levantou o olhar ao som da voz do mordomo. Como sempre, Guilfoyle falava em frases declarativas lacônicas, nunca em frases interrogativas.

– O seu pai irá recebê-lo agora – entoou Guilfoyle. – Ele está no gabinete.

Gareth dirigiu um aceno ao velho mordomo e percorreu todo o corredor em direção ao gabinete do pai, o aposento que sempre detestara mais em toda a casa. Era onde o pai lhe pregava os sermões, onde o pai afirmara que ele nunca iria ser nada na vida, onde o pai especulara com toda a frieza que nunca deveria ter tido um segundo filho, que Gareth não passava de um sorvedouro de dinheiro e uma nódoa na honra da família.

Não, não tinha memórias felizes dali, pensou Gareth ao bater à porta.

– Entre!

Gareth empurrou a pesada porta de carvalho e entrou. O pai estava sentado atrás da secretária, a rabiscar qualquer coisa numa folha de papel. Ele parecia bem, pensou Gareth com despreocupação. O pai parecia sempre bem. Teria sido mais fácil se ele se tivesse transformado numa caricatura rubicunda de si mesmo, mas não, Lord St. Clair era um homem forte que se mantinha em boa forma, aparentando ser duas décadas mais jovem do que os seus mais de cinquenta anos.

Parecia o tipo de homem que um rapaz como Gareth deveria respeitar.

O que só tornava a dor da rejeição ainda mais cruel.

Gareth esperou pacientemente que o pai levantasse os olhos do papel. Quando ele não o fez, ele pigarreou.

Nenhuma reação.

Gareth tossiu.

Nada.

Gareth sentiu os dentes a ranger. Aquela era a rotina do pai: ignorá-lo o tempo suficiente para servir de lembrete de que não considerava o filho merecedor da sua atenção.

Gareth pensou em chamar a atenção com um «*Sir*». Depois considerou um «Vossa graça». Chegou mesmo a considerar proferir a palavra «Pai», mas acabou por decidir encostar-se descontraidamente à ombreira da porta e começar a assobiar.

O pai olhou para cima imediatamente.

– Cesse! – resmungou ele.

Gareth arqueou uma sobrancelha e calou-se.

– E ponha-se direito. Pelo amor de Deus – disse o barão, irritado –, quantas vezes já lhe disse que é má-criação assobiar?

Gareth esperou um segundo e, em seguida, perguntou:

– Devo responder a isso ou foi uma pergunta retórica?

A pele do pai ruborizou-se.

Gareth engoliu em seco. Não devia ter dito aquilo. Sabia que o tom deliberadamente jocoso iria enfurecer o barão, mas às vezes era tão difícil manter a boca fechada. Passara anos a tentar conquistar o pai, até finalmente ceder e desistir.

E se lhe dava uma certa satisfação fazer o velho sentir-se tão miserável como ele o fazia sentir, pois muito bem, que assim fosse. Uma pessoa tinha de retirar prazer onde podia.

– Estou espantado por ter vindo – declarou o pai.

Gareth piscou em confusão.

– O senhor pediu-me que viesse – respondeu ele.

E a terrível verdade era que ele nunca desafiara o pai. Não verdadeiramente. Ele provocava e espicaçava, acrescentando um toque de insolência a cada frase e a cada atitude, mas nunca se comportara com declarada desobediência.

Um miserável covarde, era o que ele era.

Em sonhos, revidava. Em sonhos, dizia ao pai exatamente o que pensava dele, mas, na realidade, a sua desobediência era limitada a assobios e olhares carrancudos.

– Pois pedi – afirmou o pai, reclinando-se ligeiramente na cadeira. – No entanto, eu nunca dou uma ordem na expectativa de que a obedeça. Raramente o faz.

Gareth não respondeu.

O pai levantou-se e foi até uma mesinha próxima, onde se encontrava um *decanter* de *brandy*.

– Imagino que esteja a perguntar-se do que se trata – continuou ele.

Gareth concordou com um aceno de cabeça, mas como o pai não se preocupou em olhar para ele, acrescentou:

– Sim, senhor.

O barão bebeu um gole generoso de *brandy*, deixando Gareth à espera enquanto saboreava com prazer visível o líquido âmbar. Por fim, virou-se e, fitando-o com expressão fria e avaliadora, disse:

– Finalmente descobri uma maneira de se tornar útil à família St. Clair.

Gareth ergueu a cabeça de pasmo.

– Ai, sim? *Sir?*

O pai bebeu mais um gole e pousou o copo.

– É verdade. – Virando-se para o filho, encarou-o pela primeira vez durante a conversa. – O menino vai casar.

– *Sir?* – disse Gareth, quase se engasgando na palavra.

– Este verão – confirmou Lord St. Clair.

Gareth agarrou-se às costas de uma cadeira para não perder o equilíbrio. Pelo amor de Deus, ele tinha dezoito anos! Era jovem de mais para casar. E Cambridge? Poderia estudar sendo um homem casado? E onde poria a mulher?

E, santo Deus, com *quem* teria ele de se casar?

– É uma união excelente – continuou o barão. – O dote irá equilibrar as nossas finanças.

– As nossas finanças, *sir?* – murmurou Gareth.

Os olhos de Lord St. Clair semicerraram-se ao olhar para o filho.

– Estamos hipotecados até ao pescoço – esclareceu em tom severo. – Mais um ano e perdemos tudo o que não seja de morgadio.

– Mas... como?

– Eton não sai barato – atirou o barão.

Verdade, mas esse custo certamente não reduziria a família à miséria, pensou Gareth em desespero. Não podia ser *tudo* culpa dele.

– Embora o menino seja uma decepção – continuou o pai –, eu nunca fugi das minhas responsabilidades para consigo. Foi educado como nobre. Teve direito a cavalo, roupa e um teto sobre a cabeça. Chegou a hora de se portar como um homem.

– Quem? – sussurrou Gareth.

– Há?

– Quem? – voltou a dizer um pouco mais alto. Com quem deveria ele casar-se?

– Mary Winthrop – respondeu o pai em tom perfeitamente casual.

Gareth sentiu o sangue fugir-lhe do corpo.

– A Mary...

– A filha do Wrotham – acrescentou o pai.

Como se Gareth não soubesse.

– Mas a Mary...

– Será uma excelente mulher – continuou o barão. – Obediente, e poderá deixá-la no campo, caso o menino deseje andar na cidade na pândega com aqueles seus amigos decadentes.

– Mas pai, a Mary...

– Eu aceitei em seu nome – declarou o pai. – Está feito. Os acordos foram assinados.

Gareth tentou respirar. Aquilo não podia estar a acontecer. Certamente um homem não podia ser obrigado a casar-se. Não nos dias de hoje.

– O Wrotham quer que o casamento seja em julho – acrescentou o pai. – Eu disse-lhe que não temos objeções.

– Mas... a Mary... – gaguejou Gareth. – Eu não posso casar-me com a Mary!

Uma das sobrancelhas espessas do pai ergueu-se.

– Pode e vai.

– Mas, pai, ela é... ela é...

– Atrasada? – completou o barão, soltando um riso por entre dentes. – Não vai fazer diferença quando a tiver debaixo de si na cama. E não precisará de ter mais nada a ver com ela de outra forma. – Avançou em direção ao filho até ambos ficarem desconfortavelmente perto. – Só tem de aparecer na igreja. Entendeu?

Gareth não respondeu. Aliás, não *fez* grande coisa. Já lhe era difícil respirar.

Ele conhecera Mary Winthrop toda a vida. Ela era um ano mais velha do que ele, e as propriedades das duas famílias faziam fronteira há mais de um século. Tinham sido companheiros de brincadeiras quando crianças, mas logo ficou evidente que Mary tinha problemas. Gareth mantivera-se sempre um guardião dela quando estava em casa; por várias vezes se envolvera em brigas com fanfarrões que achavam por bem insultá-la ou aproveitar-se da sua natureza doce e singela.

Mas não podia *casar-se* com ela. Ela era como uma criança. Devia até ser pecado. E mesmo que não fosse, era algo que lhe dava voltas ao estômago. Como poderia ela entender o conceito do que aconteceria entre eles como marido e mulher?

Ele nunca poderia dormir com ela. Nunca.

Gareth ficou a olhar para o pai, sem palavras. Pela primeira na vida, não sabia como lhe responder, nenhum comentário mordaz na ponta da língua.

Não havia palavras. Simplesmente não havia palavras para aquele momento.

– Vejo que nos entendemos – disse o barão, sorrindo perante o silêncio do filho.

– Não! – explodiu Gareth, a única sílaba rasgando-lhe a garganta. – Não! Eu não posso!

Os olhos do pai estreitaram-se.

– Vai lá estar nem que eu tenha de o levar amarrado.

– Não! – Ele sentia-se a sufocar, mas, de alguma forma, conseguiu pronunciar as palavras. – Pai, a Mary é... Bem, ela é uma criança. Nunca vai ser mais do que uma criança. O pai sabe disso. Eu não posso casar-me com ela. Seria um pecado.

O barão soltou um riso abafado, quebrando a tensão num virar de costas repentino.

– Está a tentar convencer-me de que o menino, de repente, se tornou religioso?

– Não, mas...

– Não há nada a discutir – cortou o pai. – O Wrotham foi extremamente generoso com o dote. Deus sabe que tem de o ser, ser quer tentar livrar-se da imbecil.

– Não fale assim dela – sussurrou Gareth.

Ele podia não querer casar-se com Mary Winthrop, mas conhecia-a toda a vida, e ela não merecia que se referissem a ela daquela maneira.

– É o melhor que tem a fazer – disse Lord St. Clair. – Nunca irá arranjar melhor. O contrato de casamento proposto pelo Wrotham

é extraordinariamente generoso e eu vou assegurar que o menino receba uma pensão que lhe proporcione uma vida confortável.

– Uma pensão – ecoou Gareth em tom apático.

O pai soltou uma risada curta.

– Não poderia confiar-lhe o bolo todo – disse ele. – A si? Nem pensar!

Gareth engoliu em seco.

– E os estudos? – perguntou num sussurro.

– Podem continuar na mesma – respondeu o pai. – Na verdade, deve agradecer à sua nova noiva por isso. Não teria tido hipótese de o pôr a estudar sem o acordo de casamento.

Gareth ficou ali parado, a tentar forçar a respiração a transformar-se em algo que se assemelhasse remotamente a um respirar normal. O pai sabia o quanto significava para ele estudar em Cambridge. Era a única coisa em que os dois concordavam: um cavaleiro necessita de ter uma educação de cavaleiro. Não importava que Gareth ansiasse por toda a experiência, tanto social como académica, enquanto Lord St. Clair a via meramente como algo a ser feito para manter as aparências. Aliás, estava decidido há anos: Gareth iria estudar e receber o seu diploma.

Mas agora, aparentemente, Lord St. Clair chegara à conclusão de que não iria poder pagar a educação do seu filho mais novo. Quando estava ele a planear dizer-lhe? Quando Gareth estivesse a fazer as malas?

– Está feito, Gareth – disse o pai bruscamente. – E tem de ser o menino. O George é o herdeiro e não posso permitir que manche a nossa linhagem. Além do mais – acrescentou, contraindo os lábios –, eu nunca o submeteria a isso.

– Mas a mim, sim? – murmurou Gareth.

O pai odiava-o assim tanto? Tinha tanta desconsideração por ele? Olhou para o pai, para aquele rosto que já lhe trouxera tanta infelicidade. Nunca nele houvera um sorriso, nunca uma palavra de encorajamento. Nunca...

– Porquê? – ouviu-se Gareth a dizer, a palavra soando como se saída de um animal ferido, patética e queixosa. – Porquê? – voltou a perguntar.

O pai não respondeu; apenas ficou ali, agarrando o rebordo da mesa até os nós dos dedos ficarem brancos. E Gareth só conseguiu ficar a olhá-lo fixamente, como que paralisado pela visão vulgar das mãos do pai.

– Eu sou seu filho – sussurrou, ainda incapaz de desviar os olhos das mãos e encarar o pai. – O seu filho. Como foi capaz de fazer uma coisa destas ao seu próprio filho?

Foi então que o pai, mestre na retaliação destruidora e cuja raiva vinha sempre revestida de gelo em vez de fogo, explodiu. As mãos voaram da mesa e a voz ribombou pela sala como um trovão.

– Pelo amor de Deus, como é que ainda não percebeu? O menino não é meu filho! Nunca foi meu filho! Não passa de um bastardo, um cão sarnento que a sua mãe teve de outro homem enquanto eu estava para fora.

A fúria irrompeu como uma coisa desesperada e escaldante, há demasiado tempo presa e reprimida. Atingiu Gareth como uma onda, envolvendo-o de cima a baixo, apertando e sufocando até ele mal conseguir respirar.

– Não – disse ele, sacudindo a cabeça em desespero. Não era nada que não lhe tivesse passado pela cabeça, nada por que não tivesse até esperado, mas não podia ser verdade. Ele era *parecido* com o pai; tinham o mesmo nariz, não tinham? E...

– Alimentei-o – continuou o barão, a voz baixa e dura –, vesti-o e apresentei-o ao mundo como meu filho. Sustentei-o quando qualquer outro homem o teria atirado para a rua, e chegou a hora de pagar o que me deve.

– Não – voltou a dizer Gareth. – Não pode ser. Eu pareço-me consigo! Eu...

Por um momento, Lord St. Clair permaneceu em silêncio. Então disse com amargura:

– Uma infeliz coincidência, asseguro-lhe.

– Mas...

– Eu podia ter-me recusado a aceitá-lo quando nasceu – cortou Lord St. Clair –, tê-lo expulsado a si e à sua mãe. Mas não o fiz. – Avançou para Gareth e aproximou o rosto do dele. – Eu reconheci-o e, por isso, o menino é legítimo. – E acrescentou num tom baixo e raivoso: – Logo, está em dívida para comigo.

– Não – respondeu Gareth, a voz encontrando finalmente a convicção de que iria precisar para o resto da vida. – Não. Recuso-me a fazê-lo.

– Eu deserto-o – ameaçou o barão. – Não vê mais um tostão que seja. Pode esquecer o seu sonho de ir para Cambridge, o seu...

– Não – cortou Gareth novamente, num tom que já soava diferente. Ele sentia-se diferente, mudado. Aquele era o fim, pensou. O fim da sua infância, o fim da inocência e o começo de...

Só Deus sabia de quê.

– Não quero saber mais de si – sibilou o pai (não... não mais o seu pai). – Nunca mais.

– Assim seja – respondeu Gareth.

Virou as costas e foi-se embora.

